

AS MOEDAS GREGAS DA SERRA DO PILAR  
(VILA NOVA DE GAIA) <sup>1</sup>

M. Castro Hipólito

O Museu do Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto possui duas moedas gregas, de prata, que se diz terem sido achadas na Serra do Pilar. A natureza da informação quanto a esta origem e certas características das próprias moedas levam, contudo, a pôr em questão a aceitação que tem sido dada a esta versão de um achado de moedas gregas nas vizinhanças imediatas da cidade do Porto. Provirão, na realidade, tais numismas de um achado verificado em Portugal? Cremos que nos assistem razões objectivas para nos situarmos em atitude extremamente crítica que, em última análise, nos sugere uma resposta francamente negativa.

1 — *Referências originais de proveniência*

A mais antiga referência na literatura a tais moedas é da autoria de Mendes Corrêa no artigo «A Lusitânia pré-Romana», publicado no vol. I de *História de Portugal* da direcção de Damião Peres (Barcelos, 1928), a pp. 204-205, nota 2. É o seguinte o texto integral de tal informação, a qual completa a breve alusão a p. 160:

«...Falando de moedas, preencherei uma omissão na referência atrás feita a moedas gregas antigas, encontradas na Serra do Pilar, perto do Porto, numas escavações, e pertencentes ao sr. W. Tait, que amavelmente me proporcionou a sua notícia. Segundo a determinação do sr. E. Allen e a opinião de Carpenter, ambas são de uma fase antiga dos tempos helenísticos (cerca

---

<sup>1</sup> Dá-se a esta versão escrita da exposição oral submetida ao II Congresso Nacional de Numismática uma estrutura e desenvolvimento que, no essencial, pouco se afastam da comunicação condicionada ao horário dos trabalhos. Um estudo sobre as mesmas moedas com outro desenvolvimento e mais completa ilustração será oportunamente publicado em *Humanitas*, revista do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

de 300 a. C.). Uma é ateniense, e outra tem a efigie de Alexandre Magno, mas provavelmente foi cunhada depois da morte do soberano nela figurado. Segundo uma carta de Carpenter ao sr. Tait sobre o assunto, é de crêr que essas moedas tivessem sido levadas para aquela região de Portugal pelo tráfico cartaginês».

É ainda da autoria do mesmo Professor a segunda mais antiga referência literária às mesmas moedas, em *As origens da Cidade do Porto* (Gaia, 1932, p. 15), a qual é do seguinte teor:

«O achado, há anos, de moedas gregas na Serra do Pilar, que me foi comunicado pelo falecido sr. W. Tait, animaria os partidários daquela teoria, mas é bem crível o seu transporte por intermediários doutra origem étnica ou por gregos que se não fixassem no país».

Há outras referências às mesmas moedas quer em literatura portuguesa quer, sobretudo, em literatura espanhola. Dado que todas essas referências nada acrescentam de real interesse às informações originais de Mendes Corrêa dispensamo-nos de as examinar.

Que pensar, no ponto de vista crítico, da informação atrás transcrita quanto às circunstâncias concretas do achado? Afigura-se-nos que tal informação não pode deixar de classificar-se de muito vaga. Na realidade, não se precisa qualquer ponto concreto da Serra do Pilar; não se precisa a data; não se cita qualquer nome ligado ao achado (achador, proprietário do terreno ou detentor das moedas logo após o achado); não se especifica que tipo de escavações (arqueológicas?, não arqueológicas?, em que tipo de trabalhos?); não se determina de forma inequívoca qual a relação entre as duas moedas (estavam juntas ou separadas?; se juntas, seriam um «tesouro» ou apenas parte de um tesouro?; se tesouro, havia contentor?); indica-se quem veio a adquirir as moedas mas nada se esclarece quanto a tal aquisição (quando?, a quem?, como?); identifica-se o autor da informação mas não se revela como a mesma fonte teve acesso ao conhecimento do local do achado... Estas são, apenas, algumas das observações e interrogações que a informação suscita.

Nos registos do Museu do Instituto de Antropologia que hoje é proprietário das peças os dados disponíveis pouco mais esclarecem. Tudo quanto nos foi permitido apurar é o seguinte texto de nota manuscrita de Rui de Serpa Pinto: «Moedas encontradas quando da abertura dos alicerces de uma casa, próximo da Serra do Pilar-Gaia. Oferta de W. C. Tait»<sup>2</sup>. Repare-se que aqui o lugar é referenciado como «próximo da Serra do Pilar».

---

<sup>2</sup> Devo ao meu colega e amigo Rui M. Centeno a confirmação recente desta informação e a indicação de que ela é, efectivamente, a única que sobre as moedas se encontra nos registos do Instituto.

2 — *Descrição sumária*

## 2.1 — Tétradracma de Atenas. Fig. I, n.º 2.

Anv.: Atena, cabeça à direita com capacete ático; sobre a face, orifício circular com fundo côncavo.

Rev.: Coruja de pé, para a direita; atrás, ramo de oliveira e crescente; à direita, A ⊙ E; no campo, à direita, junto à coruja, orifício circular similar ao do anverso.

Peso: 16,74; módulo: 24 mm; eixo: ←; usura por circulação: muito forte; estado de conservação do metal: bom; data: finais do séc. V a. C., anterior a 406.

## 2.2 — Tétradracma de Alexandre Magno (336-323). Fig. I, n.º 1.

Anv.: Hércules, cabeça à direita, coberta com pele de leão; sobre a pele de leão, ao nível da fronte, orifício profundo de secção rectangular; sobre o nariz e campo adjacente, orifício similar de menores dimensões; no campo, à direita, em frente do nariz, punção com a forma de abelha.

Rev.: Zeus sentado, à esquerda, com ceptro, na mão esquerda, e águia na mão direita; à direita, paralelamente ao ceptro, AΛE ≡ A NΔPOY; sob o assento, Μ; à direita, no campo, em frente às pernas, ϙ e clava dentro de coroa.

Peso: 16,96; módulo: 26,2 mm; eixo: ↓; usura por circulação: forte; estado de conservação do metal: bom; casa de moeda: Miriandro. *Newell*, série IV, c. 326-323 a. C., n.º 28 (XV-79?)<sup>4</sup>.

3 — *Características particulares*

3.1 — Tanto a tetradracma de Atenas como a igual denominação de Miriandro são numismas perfeitamente regulares, os quais não põem qualquer problema quanto a autenticidade. O que singulariza a moeda de Atenas são os orifícios circulares que exhibe em ambas as faces. Não são o que, com propriedade, se poderá chamar «marcas» ou «contramarcas». Trata-se de

<sup>3</sup> Ainda não existe um estudo sistemático, suficientemente desenvolvido, por cunhos, da moeda ateniense na segunda metade do séc. V. Os principais aspectos da evolução de particularidades tipológicas são, não obstante, conhecidos. Cf. para esta evolução, nomeadamente no que se refere ao tratamento do olho, o material do tesouro de Tell-El-Maskhoutha (M. Thompson et alii (Editors), *An Inventory of Greek Coin Hoards*, The American Numismatic Society, New York, 1973, n.º 1649). A citação desta obra passará a fazer-se por *IGCH*. Para exemplares do tes. de Tell-El-Maskhoutha cf. Fig. I, n.º 4 e 6, exibindo diferentes estados de usura.

<sup>4</sup> *Newel*=E. T. NEWELL, *Myriandros Alexandria Kat'Isson*, The American Numismatic Society, New York, 1920.

soluções que procuram revelar o interior do metal, com a finalidade de verificar se o mesmo corresponde à prata exteriormente visível. Têm, assim, a função de teste. Orifícios circulares similares são uma faceta algo vulgar em achados provenientes de certas áreas do mundo antigo por onde a moeda grega, e em particular a de Atenas, circulou, no séc. V e no séc. IV a. C., neste último com frequência associada a imitações locais dos tipos atenienses<sup>5</sup>. Pelo estudo de tesouros é possível circunscrever uma área oriental onde peças monetárias com os mesmos orifícios ocorrem, a qual inclui, pelo menos, o sul da Anatólia, o Levante e o Egipto<sup>6</sup>. Por outro lado, não se verifica tal ocorrência em áreas do Norte do Egeu e Norte da Ásia Menor, bem como na Península Balcânica e no Ocidente (Sicília, Itália, Gália do Sul, Península Ibérica). Deduzindo-se da geografia dos tesouros uma área onde orifícios de tal tipologia foram de vulgar aplicação, mesmo em imitações, não pode, naturalmente, excluir-se que uma peça com os «mesmos» orifícios venha a encontrar-se noutros lugares, sobretudo da Ásia Menor. Pode concluir-se, contudo, que, quanto à área de aplicação de tal tipo de teste, se está na presença de um fenómeno oriental. É interessante salientar que estas cavidades circulares revelam certa «preferência», no que se refere à sua localização sobre as faces das moedas, por áreas bem precisas. No que se reporta ao anverso regista-se manifesta preferência pela face da deusa, exactamente como ocorre no exemplar dito da Serra do Pilar. Observa-se, também, que no reverso o orifício se localiza, com muita frequência, precisamente na mesma, ou muito análoga, posição do da dita moeda. Cf. Fig. I, n.º 5 e 6<sup>7</sup>.

O fenómeno da circulação da moeda ateniense no Oriente, com particular des'aque para o Egipto, é facto bem atestado por múltiplos achados ao longo do século V e também no século IV, antes do domínio das peças de Alexandre, domínio que é normal a partir de c. 330 (emissões de Alexandre e emissões póstumas de tipos alexandrinos) até ao fim do século. A cartografia dos achados mostra que as primitivas moedas de Atenas, as chama-

<sup>5</sup> Na literatura estes orifícios têm recebido diferentes designações, tais como «drill hole», «circular depression», «coup de boulerolle».

<sup>6</sup> Alguns destes tesouros: Cilícia, antes de 1914 (cf. *IGCH* 1259); Karaman, Licaónia, 1946 (cf. *IGCH* 1243); Al Mina, junto à foz do Orontes, Síria, 1936 (cf. *IGCH* 1487); Mênfis, 1916 (cf. *IGCH* 1660); Tell-El-Maskhoutha, c. 17 km de Cairo, 1947-1948 (cf. *IGCH* 1649).

<sup>7</sup> Fig. I, n.º 5: Exemplar de British Museum (=BM). Referências museológicas: «Maurogordato, 1949.4.11.430» (=Nome de doador, ano, dia, mês, número de ordem). Trata-se de colecionador da Ilha de Quios. Desconhece-se a proveniência da moeda.

Fig. I, n.º 6: Exemplar de BM do tesouro de Tell-El-Maskhoutha. No reverso é visível corte (cf. *infra*) e punção circular com esfinge. Neste caso o punção é uma marca mas merece atenção o lugar exacto da sua aplicação. O mesmo tesouro oferece exemplos de orifícios circulares, com a função de testes, na mesma posição.

das Wappenmünzen, na sua maioria didracmas e só na sua fase final tetradracmas, de tipologia variável e sem legenda, não gozaram de grande circulação extra local, o que não significa que não se verifiquem alguns poucos casos de tesouros, fora da Ática, com alguns, poucos, exemplares de tais moedas. É bem diferente o que ocorre com a circulação das vulgarmente chamadas «corujas», de que a moeda dita da Serra do Pilar nos dá exemplo. Tem-se mesmo sugerido que as grandes facetas que caracterizam a moeda de Atenas posterior às Wappenmünzen terão sido influenciadas por considerações tendo em vista o mercado externo: consagra-se a nova denominação que fôra ensaiada no final da série precedente (tetradracma, 17,2 g); adopta-se nova tipologia fixa, de carácter cívico nacional (Deusa Atena/coruja); introduz-se étnico, sob a forma abreviada que se manterá característica (AΘE). Seja qual for o significado exacto das novas características, é facto que a moeda da capital da Ática, emitida em grandes quantidades mercê das minas que a cidade possuía no seu próprio território, em Láurion, se veio a tornar em moeda dominadora de certas áreas do Oriente, penetrando mesmo profundamente no interior do império persa e, em quantidades verdadeiramente notáveis, no Egipto. É de referir que no interior do império medo persa, para além das zonas costeiras e zonas adjacentes aos litorais da Ásia Menor, a moeda imperial (daricos, de ouro, e siclos, de prata) não circulou. No interior do império manteve-se, até à conquista de Alexandre, a velha tradição da utilização dos metais pelo seu peso. É característica normal que as moedas das cidades gregas que surgem nos tesouros do interior do império se encontram «desmonetizadas», desfiguradas por incisões ou cortes. Significa isso que o metal não era utilizado propriamente como moeda mas sim como mercadoria moeda, valendo estritamente pelo seu peso. Tais acções, ferindo profundamente o metal, com cortes atravessando com frequência toda a espessura dos flans, permitiam, naturalmente, pôr a nu a qualidade do interior do metal. No Egipto também foi vulgar a prática de testar através de cortes. Foi sobretudo aqui que a moeda ateniense veio a suplantá-la, claramente, outras moedas que com ela concorriam na Ásia Menor. Não é raro deparar-se com tesouros de centenas de peças exclusivamente constituídos pelas populares «corujas», circunstância que não é estranha ao facto de o país do Nilo só tardiamente, no séc. IV, ter começado a produzir moeda indígena. O início desta produção, aqui como em outras áreas, no Levante, também não é estranho à circulação da moeda ateniense. Como consequência da Guerra do Peloponeso, Atenas teve de suspender, em 406, a emissão de prata, que só recomeçou por 394/3. A interrupção do fornecimento das «corujas», bem instaladas em hábitos comerciais, explica que tenha surgido o fenómeno das imitações locais copiando os tipos atenienses. Pelas cópias verifica-se

que os modelos começaram por ser emissões do séc. V, anteriores àquela suspensão, depois já originais atenienses do séc. IV. Que houvesse preocupação de testar o metal compreende-se facilmente pois, se bem que a moeda ateniense se caracterize pela sua boa qualidade metálica, conhecem-se peças em que o interior é de metal pobre. Atenas, privada de abastecimento normal e de reservas de prata, em 406, viu-se forçada a recorrer à emissão extraordinária de ouro e, ao lado deste, à emissão de peças de bronze com fina superfície de prata. Conhecem-se imitações também com interior em metal pobre. A prática dos orifícios circulares insere-se, assim, numa tradição de testar o metal que se verifica desde os começos da circulação da moeda ateniense em áreas longínquas, desde o primeiro quartel do séc. V. Trata-se de uma solução mais refinada que a rude solução dos cortes profundos vibrados por mão pesada <sup>8</sup>.

3.2 — A moeda alexandrina de Miriandro exhibe também duas «feridas» capazes de revelar o interior do metal, sobretudo a produzida pelo instrumento de maior secção, que penetrou profundamente na espessura do flan. Já o punção com a forma de abelha não pode ter a mesma explicação. A sua aplicação é demasiado superficial para que pudesse eficazmente cumprir tal finalidade. Este punção constitui a peculiaridade mais interessante exibida pelas duas moedas, dado que é possível precisar não só a área geográfica onde teve lugar a sua aplicação como delimitar um curto horizonte cronológico para a mesma aplicação. Tais conclusões são-nos acessíveis mercê, sobretudo, do tesouro egípcio de Kuft, localidade que corresponde à antiga Copto, situada a norte de Luxor. Foi encontrado em 1875, ou pouco antes, e a sua composição é razoavelmente conhecida, não só por uma lista de moedas preservada na American Numismatic Society da autoria de Newell, como ainda por parte substancial do seu conteúdo que, por uma ou outra via, veio a dar entrada em grandes colecções museológicas. Subsistem, assim, bem localizadas, cerca de 440 unidades do tesouro, o que se supõe ser uma boa amostra do mesmo. Sabe-se da existência de outras peças por localizar. É a seguinte a distribuição daquelas cerca de 440 unidades: Ashmolean Museum, Oxford, cerca de 261; British Museum, Londres, mais de 100; Museu de Munique cerca de 59; colecção da American Numismatic Society, 12. De todos estes lotes o núcleo que se conserva no Ashmolean Museum é o

---

<sup>8</sup> Cf., por exemplo, para este tipo de golpes, o importante tesouro que é, pela cronologia proposta para a sua ocultação (c. 475), o mais antigo tesouro do Egipto onde as «corujas» apresentam apreciável representação numérica (163 em c. 900 unidades) e onde Atenas é, também, o centro emissor mais fortemente representado: M. PRICE e N. WAGGONER, *Archaic Greek silver coinage*, The Asyut Hoard, London, 1975.

único que já foi objecto de completa publicação, primeiro em 1974<sup>9</sup> e pouco depois em 1976<sup>10</sup>, onde, como é característico dos volumes de *SNG*, todo o material é ilustrado. O tesouro compreende numismas de Alexandre III (emissões em vida e póstumas), de Filipe III e de Ptolomeu I com os tipos Cabeça de Alexandre/Zeus e Cabeça de Alexandre/Atena. A ausência de moedas em nome de Ptolomeu, que começam em 305, e o restante conteúdo, nomeadamente as séries datadas de Sídon e Acre, permitem situar o ocultamento por 305. Tal conclusão cronológica é ainda apoiada por comparação com outros tesouros também provenientes do Egipto e de similares composição e cronologia. Para o caso que nos interessa a faceta mais importante do tesouro de Kuft reside na circunstância de a maior parte das suas unidades se apresentarem com «test marks», com punções vários entre os quais um com a forma de uma abelha, várias contramarcas e grafitos. O exame muito cuidadoso a que procedemos de todos os exemplares do British Museum permite concluir, de forma absolutamente segura, que o punção que imprimiu a abelha na moeda dita achada na Serra do Pilar é exactamente o mesmo punção que foi utilizado em peças do tesouro existentes em tal Museu. Compreender-se-á, facilmente, que a impressão da abelha não é igualmente nítida em todas os exemplares, que a apresentam, integrados na colecção do BM. Sucede, contudo, que em todos os casos em que a impressão resultou de boa qualidade se pode verificar estar-se na presença de um só e mesmo punção. O exemplar do BM de Fig. 1, n.º 3, emitido em Babilónia, oferece precisamente um caso em que a impressão é suficientemente clara e, por outro lado, o estado de usura do punção é *grosso modo* o mesmo do estado de usura revelado pela moeda dita achada na Serra do Pilar. Repare-se, ainda, na analogia da colocação do punção: à direita, no campo, em frente da boca e nariz. Neste exemplar do BM a «test mark» é de tipologia diferente dos dois «pregos» exibidos pela moeda de Miriandro mas também é possível encontrar na colecção do BM casos de «test marks» em que a tipologia é igual à da nossa moeda. A aplicação de mais do que uma «test mark» é vulgar nas peças de Kuft. Ainda uma outra verificação extremamente importante proporcionada pelo exame das moedas da colecção do BM: não há em toda a colecção de «alexandres» do Museu qualquer caso de moeda exibindo o punção da abelha cuja proveniência não seja o tesouro de Kuft<sup>11</sup>. Apesar de

<sup>9</sup> D. NASH, «The Kuft hoard of Alexander III tetradrachms», *Numismatic Chronicle*, London, 1974, pp. 14-30 (=NC).

<sup>10</sup> D. NASH, «A note on the Kuft hoard», *Sylloge Nummorum Graecorum vol. V. Ashmolean Museum Oxford. Part III, Macedonia*, London, 1976 (=SNG).

<sup>11</sup> Aguarda ainda publicação o catálogo das emissões de Alexandre III, em vida e póstumas, do British Museum (=BM). Há já catálogo manuscrito do mesmo material da autoria de Dr. Mar-

alguma insegurança no estabelecimento de uma lista perfeitamente completa de todo o material proveniente do tesouro de Kuft, tudo leva a crer que também não há na colecção do Ashmolean Museum qualquer caso de moeda exibindo o referido punção cuja proveniência não seja o mesmo tesouro<sup>12</sup>.

A comparação do tesouro de Kuft com outros do Egipto de similar cronologia de ocultação, entre c. 318 e c. 300, sugere ainda um período de duração muito curta para a aplicação do punção que vimos analisando<sup>13</sup>. D. Nash sugeriu já os limites 310-305 para tal período possível<sup>14</sup>. O limite inferior deste lapso cronológico parece perfeitamente seguro. Efectivamente, tal punção não se encontra em numismas da casa de moeda de Alexandria emitidas em nome de Ptolomeu I enquanto, por outro lado, Alexandria é, entre todos os centros emissores representados no núcleo do tesouro existente no Ashmolean, aquele que apresenta maior número de unidades marcadas com tal punção, exactamente 9 exemplares. A circunstância de o mesmo punção não ocorrer em peças de outros tesouros nomeadamente no de Phacous, cuja composição é muitíssimo semelhante ao de Kuft<sup>15</sup>, pode ainda significar, para além de um curto período, ou momento, durante o qual se processou a aposição do punção, que tal aplicação terá sido efectuada em lugar não afastado do próprio local do achado do tesouro. Tais circunstâncias de espaço e tempo no que se refere à referida aplicação poderão explicar, eventualmente, pelo menos em parte, que as unidades que receberam tal marca, que tudo leva a crer ser privada, muito possivelmente de um banqueiro, não tenham tido oportunidade para se dispersarem e, mercê de um processo normal de circulação, nos surgirem em outros tesouros.

---

tin Price, Keeper in the Departement of Coins and Medals. Ao Dr. PRICE ficámos a dever a generosa atenção da livre consulta do seu manuscrito, circunstância que facilitou singularmente a nossa tarefa desta verificação. Renovam-se aqui ao Dr. M. PRICE os nossos agradecimentos.

<sup>12</sup> Segundo os dados do vol. cit. de *SNG* o «punção de abelha» ocorre em 53 tetradracmas, todas no texto com a menção expressa de segura proveniência de Kuft, à excepção de um caso, o n.º 3064. Tudo leva a crer, contudo, que esta última tetradracma provém também do tesouro (cf. «A note on the Kuft hoard»; cf. ainda *NC*, p. 16-23). A descrição da moeda n.º 3140 não cita o punção mas o mesmo é claramente visível sobre a imagem (cf. *SNG* plate LXIV).

<sup>13</sup> Cf. *IGCH*, n.ºs 1664-1678.

<sup>14</sup> *NC* p. 15, nota 3.

<sup>15</sup> Ao referirmos aqui o tesouro de Phacous queremos significar, naturalmente, a secção do vaso cujo conteúdo não tem moedas mais recentes que as tetradracmas de Ptolomeu I com Cabeça de Alexandre/Atena. Cf., além de *IGCH* n.º 1678, D. NASH, *NC*, pp. 27-30. Note-se que há uma certa distância entre Phacous, no Delta, perto de Zagazig, e Kuft, no vale do Nilo (cerca de 5º de diferença de latitude).



#### 4— *As probabilidades do achado das duas moedas em Portugal*

Começámos por verificar que a informação utilizável quanto à origem dos dois indivíduos monetários que são objecto desta comunicação se caracteriza por imprecisão. Por outro lado, a análise de certas características das mesmas moedas conduzem-nos a áreas geográficas e circunstâncias que não favorecem um achado em território português. Verifica-se que uma moeda cunhada em Atenas pelos fins do séc. V. a. C. terá circulado no Oriente. Verifica-se que uma outra produzida em vida de Alexandre no norte da Síria, em Miriandro, circulou no Egipto, onde recebeu, por 310-305, um punção que só se conhece em numismas provenientes do tesouro de Kufit. É esta circulação das duas tetradracmas absolutamente incompatível com uma ulterior «viagem em conjunto», ou «viagem em separado», até ao extremo ocidental da Península Ibérica para aí serem ocultadas, perdidas ou abandonadas, conjuntamente, ao que parece? Sem poder garantir-se, de modo categórico, tal incompatibilidade, pela própria natureza dos dados do problema em questão, a nossa opinião é que se reveste de uma extrema improbabilidade a possibilidade de um achado no nosso País. Tudo conspira, na verdade, para uma resposta de carga fortemente negativa quanto a esta possibilidade.

Limitámo-nos, na «crítica interna» de dois documentos, apenas a tópicos mais significativos. Outros aspectos, que também merecem consideração crítica, não favorecem, de modo nenhum, o achado «conjunto» de duas unidades cuja cronologia de emissão se encontra separada por um período mínimo de cerca de 90 anos... Tetradracmas de Atenas do último quartel do séc. V podem, eventualmente, ocorrer em tesouros em associação com igual denominação de Alexandre que circulou ainda por 310-305, mas tal ocorrência não é própria do comportamento de tais moedas em «área normal de circulação» das mesmas espécies, nos seus respectivos horizontes cronológicos<sup>16</sup>. Pode argumentar-se, com bom fundamento, que nem a Península nem o seu extremo atlântico são uma dessas áreas normais de circulação...

A hipótese de achado em separado, ainda que num mesmo lugar, genericamente designado por Serra do Pilar, e ao mesmo tempo ou, pelo menos, no decurso de uma mesma operação de escavação dos alicerces de uma habitação, é também solução que, não sendo impossível, se revela muitíssimo pouco crível. Trata-se de duas unidades e a informação deixa-nos em situação de «vazio arqueológico»... Se se abstrai do grau de usura provocado por normal circulação, prova-se que o estado de conservação do metal de cada um

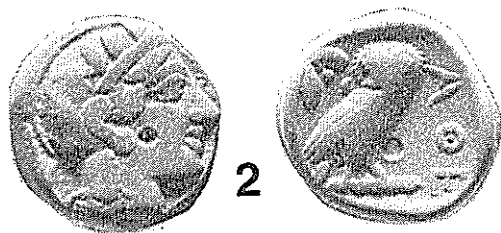
---

<sup>16</sup> Cf. comentário geral sobre circulação de moedas de Atenas e de «alexandres» no Egipto em *IGCH*, pp. 225-226.

dos indivíduos é, tanto quanto se pode julgar por uma análise através de lupa vulgar, francamente bom, sem exhibir qualquer traço de significativa alteração química superficial da prata ou qualquer efeito típico dos vulgares estragos causados por factores mecânicos agindo sobre moedas de prata em contacto prolongado com os solos vulgares onde repousam, sem intencional ou casual protecção. O que o estado do metal sugere é que ambas as unidades gozaram de qualquer processo especial de protecção, sem que a natureza exacta do mesmo processo protector se possa precisar, dado que múltiplas hipóteses são teoricamente possíveis. A protecção garantida por contentor de tesouro(s) afigura-se a solução mais de acordo com o que, com mais frequência, é dado ao numismata-investigador verificar. Em conclusão: admitir um achado na Serra do Pilar significa uma tão benevolente condescendência com tantas improbabilidades teóricas e práticas que essa admissão só é compatível com uma angélica atitude de sólida confiança nas virtualidades de uma «conjugação de múltiplos felizes acasos». Trata-se, naturalmente, de posição que não é compatível com uma atitude crítica face aos documentos.

#### SUMMARY

The Author deals with two Greek coins, an Athenian tetradrachm of late fifth century and a tetradrachm of Alexander III from Myriandros. The two coins are reported to have been found in Serra do Pilar, North of Portugal, close to Oporto, about 1928(?). They are part of the coin collection of Instituto Dr. Mendes Corrêa (Faculty of Sciences, Oporto University). The analysis of some test marks on both coins and of a punch mark on the Alexander one, as well as other data, lead him to mistrust strongly the up to now accepted view of a find from Portugal.



- 1 — Tetradracma de Alexandre III, Miriando. Coleção: Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa (Faculdade de Ciências da Universidade do Porto). Proveniência referida: Serra do Pilar (V. N. de Gaia), dádiva de W. Tait.
- 2 — Tetradracma de Atenas. Mesma coleção e proveniência de 1.
- 3 — Tetradracma de Alexandre III, Babilónia. Coleção: British Museum. Proveniência: tesouro de Kufi.
- 4 — Tetradracma de Atenas. Coleção: British Museum. Proveniência: tesouro de Tell-El-Mas-khouta (1947-1948).
- 5 — Tetradracma de Atenas. Coleção: British Museum. Proveniência: desconhecida; dádiva de colecionador particular.
- 6 — Tetradracma de Atenas. Mesma coleção e proveniência de 4.

*Observação sobre escala:*

Moedas 1 e 2: ligeiramente ampliadas.

Moedas 3 a 6: escala natural.

